

O Castanhense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista — Por Castanheira-de-Pêra e Região

ANO X	Redacção, Administração e Oficinas: Castanheira-de-Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, Lda	N.º 328
----------	--	---	--	------------

NOTAS SINGELAS

Não é meu propósito fazer crítica ao falar sobre uma obra que acabei de ler. Não vou, portanto, enaltecer nem estabelecer equilíbrio de apreciações. Vou, muito simplesmente, exteriorizar as saudosas recordações que veio acordar em mim o livro — um livro de versos — do meu velho amigo Gaspar Teixeira. E não seria pelo facto de contar o autor como velho amigo que deixaria de apontar o que quer que fosse de desconcertante que nos seus poemas encontrasse; e nem é por isso que digo que toda a obra me agrada e me arrebatava. E mais me agrada pelo género — pois Gaspar Teixeira é — passe o desafoço, que poderá parecer imodéstia — como eu, romântico, ou, talvez melhor, profundamente lírico, um saudosista.

Conheci Gaspar Teixeira aos vinte anos, quando pagávamos à Pátria o sagrado tributo de a servir para garantir a sua integridade. Mas nesse tempo éramos diferentes, isto é, seguíamos diferentes rotas. Ele era pintor — um artista já. Eu garatujava, muito em segredo, versos e outros escritos. E era com enlevo que eu o via fazer brilhar no papel as fotografias dos oficiais e sargentos do estabelecimento militar em que ambos servíamos.

Nunca me passou pela mente que Gaspar Teixeira fosse poeta. Mas não me admiro agora. Ele era pintor — sonhava com o Belo. E trocar o lápis com que pintava por uma pena com que escreve versos, é continuar a ser artista, é sonhar com o Belo. Foi o que sucedeu com Gaspar Teixeira.

E passados mais de quinze anos chega-me às mãos — oferta sua — o seu livro de versos «Dor». Mas não é dor a essência do seu valioso livro de poemas; é um grito de saudade, ânsia do Belo, um livro de estrutura elevadamente artística. «Dor» — o título do livro — não significa o pesado estigma que faz contorcer tantos mortais. Não. O livro de Gaspar Teixeira bem podia chamar-se: Arte. E' esta a expressão de todos os seus poemas. Gaspar Teixeira imaterializou todos os seus gritos de Artista. O seu colorido é Arte; não tem aparência de soturno. Cada um dos seus versos é molécula de um todo invisível — a Inspiração.

Gaspar Teixeira diz num dos seus poemas que não quer ser como os poetas.

Ah! E' verdadeiramente poeta quando assim fala! E Gaspar Teixeira sabe que é poeta, mas chega

(Continua na coluna lateral)

DA CONFERÊNCIA DE PARIS VEM A PAZ?

Esta pergunta, que me serve de título neste momento, presumo formulá-la com fundamento lógico.

Não teria ela razão de ser nem cabida eficiente, se a assembleia de representantes, constituída na capital da França, houvesse revelado, desde a sua primeira hora, o consenso unânime, que seria natural e muito legítimo em personagens, reunidas num após conflagração totalitária, para o estabelecimento de humana concórdia, garantido por instrumento jurídico, idóneamente firmado.

Infelizmente, há sido exteriorizado fogo de vista, com prejuízo de tempo e também exuberância de parra e sensível falta do fruto respectivo.

De que serviu mais do que um concurso dos três denominados grandes, em locais diferentes, assentando pactos, logo reduzidos a escrita não omissa em devida autenticação?

E que valor atribuir a tantos promettimentos de que os povos participariam, com inteira justiça aliás, quando cessassem as hostilidades?

Já era mais do que oportuno o verificar se alguma coisa executada, relativamente a alguns pelo menos de tais promettimentos. E excede a um ano o lapso decorrido a partir do aceiteamento incondicional da situação de vencidos, por parte de alemães, japoneses e seus aderentes!

E os rescaldos manifestam-se, rangem dentes, trocam-se tiros entre forças armadas, o direito, em suma, não prevalece, com pleno respeito e inquebrantável continuidade!

Em compensação deletéria, o verbo abunda, registam-se catadupas de palavras, sem proveito da grei e até contraproducentes por estereis, quanto à causa comum.

Isto, nem testemunha nobreza de sensibilidade, nem aspirações aplaudidas pela sã consciência.

Hemos de confessar, que após uma guerra longa, do maior extermínio de que há notícia, a peça diplomática em cena, para liquidá-la, não atinge o grau de modalidade equilibrada que lhe corresponde e a essência íntima, ética, de sua genuína definição categórica.

Não vale, nem valerá mais porventura do que outras peças congêneres, desempenhadas por actores de trama idêntica ou quase idêntica, no teatro milenário da História.

Estou persuadido de que não erro nem me iludo nesta previsão que factos numerosos alimentam e fortalecem.

E não me supponho presa de pessimismo.

Quem conta mais de oito dezenas de anos, tendo presenciado exhibições cómicas, trágicas, de prestidigitacão, de hipocrisia cinica, etc. e tem percorrido a MESTRA DA VIDA nos fluxos e refluxos da humanidade, está coraçado contra taras pessimistas.

Além de que, por índole, inclino-me de preferência para quadros de boa luz. Por ora não os vejo nem os advinho.

O que, dentro e fora do ambiente da famosa Conferência, não é alheio às outivas e a expressão ENERGIA ATÓMICA, de cujo emprego, no sentido do progresso benemerente e de civilização óvante, não tenho conhecimento até agora, 20 de Agosto de 1946, em que ainda não li as notícias de larga informação nem ouvi o som de qualquer emissora.

Essa, de facto positivo, seria novidade verdadeiramente entusiasmadora e agradabilíssima recompensa de múltiplas expectativas.

Basta, porém, de dissertar.

Nós, portugueses, não fomos arrastados ao braço, que apesar de neutrais nos chamuscou cruamente.

Importa-nos dirigir a educação dos nossos filhos por normas de solidariedade e de tolerância que não traduz cobardia mas senso preclaro e critério justo, e inculcar-lhes no ânimo ideais de equidade, do seu ao seu dono, da solução de problemas mediante análise e estudo adequados, de acatamento ao saber honrado e de reciprocidade afectiva na esfera internacional.

20 de Agosto de 1946.

F. NORONHA

Gente nova

INICIA, neste número do nosso jornal, a sua colaboração A. Garibaldi, que fica a dirigir a «Página Literária» de «O Castanhense».

Jornalista de largos recursos que do Alto-Minho vem enfileirar na galeria dos colaboradores que honram este jornal, trás consigo nomes consagrados que firmam trabalhos de incontestável valor.

Agradecemos aos novos colaboradores a sua valiosa cooperação.

OS GRANDES Problemas A RESOLVER

Por R. LARANJEIRA

Quando os canhões troavam, o fumo invadia pelo espaço, a inquietude continuava predominando nos povos, os grandes críticos que comentam os ruidosos acontecimentos do dia em todo o Universo, apregoaram a actividade dos inventores preparando centenas de «Clippers» que atravessariam Europa, Asia, Africa, Oceania e Américas... Que os célebres pensadores terminariam a Lei que transformaria a organização social nas nacionalidades!? Um Paraíso em projectos.

Surgiu a cessão da luta pelas armas vésperas de fechar o ano 1945. A meio do corrente, assiste a humanidade à luta entre os homens chamados a estabelecer essa Paz!

Então nós, sorrindo diante das espalhafatosas crónicas publicadas nos jornais e revistas inglesas, americanas, as colocamos ao lado da História dessas nacionalidades, comparando o ontem com o sonhado Amanhã, encontramos esse desentendimento que os superiores escolhidos a colocarem o Universo nos eixos não evitam segundo suas exposições e os comentários correndo mundo.

Nesta hora indecisa, de prolongado colapso, dizem as exigências que necessitamos trabalhar, vencer, com devoção patriótica, (Segue na 3.ª página)

a não querer sê-lo; mas é-o, porque escreveu um livro maravilhoso, onde os seus poemas traduzem o sentido da duplicidade artística.

E' beirão o meu grande amigo. Que a sua Terra saiba considerá-lo como merece.

MANUEL ANAYA

Página Literária

— Dedicada ao intercâmbio literário e artístico luso-galaico —

Orientação de
A. Garibáldi

Publicação
MENSAL

O pintor

Arsénio Bento
da Ressurreição

O NOME de Arsénio Bento da Ressurreição começou a ser falado e notado, logo que a Sociedade Nacional de Belas Artes lhe atribuiu uma 3.ª medalha, por uma magnífica aguarela com que o artista concorreu ao Salão de Inverno, naquela Sociedade, em 1945.

Evidentemente que este prêmio constituiu um triunfo artístico para Arsénio Bento da Ressurreição, aguarelista mimoso e talentoso.

Homem modesto, mas possuidor de magníficas qualidades artísticas, realizou até à data duas exposições dos seus trabalhos, ambas com muito êxito, e a que a crítica rendeu os maiores louvores.

Foram essas exposições: uma em Portalegre, em 1945 e outra em Castelo de Vide, no ano decorrente.

Vê-se que Arsénio Bento da Ressurreição tem trabalhado sempre e trabalhado bem — aproveitando o seu tempo e os seus poderosos recursos de artista consagrado.

Embora seja funcionário público, vive apenas para o seu sonho de beleza — que é a sua arte, que ele nobilita, fazendo por se valorizar, de dia para dia, como todos reconhecem e lhe fazem admirativa justiça. E assim é que nós o vemos conviver com literatos e artistas ilustres — em obediência ao seu anseio de beleza, ao seu altíssimo sonho de arte.

Um seu panegirista, o sr. dr. Feliciano Falcão, escritor ilustre diz dele:

«E' o auto-didacta tateando caminhos, só, desoladoramente só, com um acento de persistência e humildade comoventes, em condições precárias de trabalho. Lenta luta a ordeste moço de 40 anos com tesouros lá dentro, cândidos e virginais, ansioso pelo calor das grandes Almas e das grandes Obras!»

Não se pode dizer mais, nem dizer melhor de um Artista.

Arsénio Bento da Ressurreição fez-se por si. Fez-se por si — mas venceu. Hoje é um pintor consagrado, cujas aguarelas maravilhosas conseguiram o galardão, o prêmio da nossa ilustre Sociedade Nacional de Belas Artes.

Pedi ao Artista que me dissesse algumas das suas impressões sobre Arte — ao que ele acedeu prontamente, com uma boa-vontade que me encantou. Aí vai o seu depoimento:

— Como prefere a Pintura?
— Mancha larga.
— Como compreende a Pintura?
— Expressiva.
— Quais os motivos que mais o atraem?

Legenda de las camelias

¿Quieres que te cuente por qué las camelias en la primavera se quedan sin flor?
Escucha la historia que voy a contarte:
Fué un milagre que hizo Dios Nuestro Señor.

Diz que fué una niña que una Nochebuena fué al jardin por flores para el Niño-Dios. En lugar de flores, encontró hojas mustias, y la niña buena de dolor lloró.

Al oír su llanto, dijo una camelia:
«¡Oh si yo tuviera mi ramaje en flor, diérate fragantes flores encendidas como el fuego ardiente de tu ardiente amor!»

Por secar tus ojos, en la primavera con las hojas solas me quedara yo», y Dios al momento la dejó cubierta de joyantes flores de vivaz color.

Ahora ya sabes por qué las camelias en la primavera se quedan sin flor.
¿Te gustó la historia que yo te he contado?
Fué un milagre que hizo Dios Nuestro Señor.

(Inédito)

FAUSTINO REY ROMERO

— A vida dos simples, o sofrimento, a dôr, a angústia, tudo quanto possa traduzir humanismo.

— Pinta há muito?

— Há aproximadamente três anos.

— Qual foi a sua exposição que mais interesse teve?

— A minha primeira exposição, em Junho de 1945, na cidade de Portalegre.

— Encontra-se representado em qualquer Museu?

— Não me consta, porém acham-se expostos alguns trabalhos na Câmara Municipal de Portalegre, Delegação de Turismo, bem como em Sociedades e Clubes recreativos e salões nobres e particulares nesta cidade e na Capital.

— E planos futuros?

— Continuar a trabalhar cada vez com mais ardor e entusiasmo, procurando atingir, de harmonia com as minhas possibilidades artísticas, a maior perfeição na minha Arte.

— A que horas prefere pintar?

— Sempre que tenho tempo disponível, de preferência à tardinha, por encontrar melhores efeitos de luz.

— Como se manifestaram no seu espírito as predisposições artísticas?

— Pela observação da Natureza e pelo gosto que tenho pela pintura.

— Se não fôsse pintor, que desejaria ser?

— Um modesto praticante da Arte de Talma.

— Qual é o seu parecer sobre a Arte?

— Dentro das possibilidades dos

meus limitados recursos, do que tenho lido e visto, parece-me que nestas duas últimas décadas, pouca ou quase nenhuma evolução se tem operado na pintura, em especial na aguarela, género a que dedico o meu gosto artístico.

— E sobre a mentalidade portuguesa em relação à Arte?

— No meio restrito e acanhado de que sou forçado a viver, pois exerço funções públicas de pequena categoria, não me permite dar uma resposta concreta sobre esta pergunta, por falta de expansão.

•••
Aí ficam as palavras simples mas esclarecidas de um Artista simples e ilustre, que se tem feito por si, em luta gloriosa — mas que conseguiu chamar já as atenções do vulgo culto sobre o seu nome.

E, além de Artista ilustre que é, é também um homem bom — porque procura fixar na sua Arte, como ele nos confessa, a vida dos simples, o sofrimento, a dor e a angústia — motivos eternos da vida e das almas, e que só os corações generosos como Arsénio Bento da Ressurreição sabem interpretar e compreender, milagrosamente.

A . G A R I B Á L D I

PUBLICAMOS em outro lugar o primoroso trabalho do nosso novo colaborador *Morais Costa*, com o título «A actualidade de um grande escritor». A falta de espaço nesta página assim nos obrigou.

RAMALLETE DE EPIGRAMAS

Ó destenguido literato
A. Garibáldi

Adver ten cio

Dixéronme o outro dia, como unha cousa importante, qu' escrebira poesia sempre rica de picante, sempre de picante rica. Ahi van, pois, de pica e rasca ahi vos van de rasca e pica.

A unha nena ruín

Oin decir por ahí que non hay n'a tua aldea cousiña que mala sea; mais nunca diria así, aquel que fanfarronea, se se acordara de ti.

A unha que pensa que ten moitos pretendentes

C'o teu persumir sin par todo-los mozos sabemos que chegaches a pensar que por ti nos desfecemos. Mais... certo como cho digo, todos tan pronto te vemos, dar volta millor queremos antes qu'encontrar contigo.

A un rico avarento

Ben sabes rico avarento, qu'un dia asi por que si, satisfeito e moi contento soupeches decirme así: Mais bo corazón qu'o meu no tuvo nin ten ninguén. ¡Ai! por eso ô lugar teu tantos pobres se lle ven.

A una nena vanidosa

Ti vanidosa mociña que coidas qu'o teu lugar soyo ten unha rosiña: vólvet'o espello a mirar, e por moi tonta que seas verás s'é que ben reparas, que se d'o lugar marcharas acabábanse ll-as feas.

(Inédito)

M . N Ú N E S G E S T O S O
(P o e t a g a l e g o)

SE eu não levasse antecipadamente o mundo dentro de mim, seria um cego com olhos videntes, e toda a investigação e toda a experiência não seriam mais do que esforço baldado. A luz está em frente de nós. Se não levassemos nos nossos olhos a luz não poderíamos compreendê-la. — Goethe

OS GRANDES Problemas A RESOLVER

(Continuado da 1.ª pág.)

para a resolução dos Grandes Problemas ainda em poder da aspiração do País, digno desses sacrificios que da colectividade espera e será ouvido desde a hora que nos saude a Paz!

Sendo elevado o número dessas imperiosas necessidades a atender, elevando à perfeição nossa organização social, sem desvalorizar este ou aquele, colocámos no primeiro plano a serem preferidos pelo Governo, o Maior Nacional — extinção do analfabetismo, projectada em 1838 por Passos Manuel.

Seguidamente, os dois dos quais depende o desejado ressurgimento do País e a sua riqueza económica:

Coordenação dos transportes terrestres, completando-a pela fusão das Empresas Caminhos de Ferro.

O primeiro, nasceu da apavorante crise ferro-viária evidenciada em 1929, decrescendo sensivelmente as receitas de ano a ano, agitando os directamente interessados por receio de lesa profissão — os engenheiros que, em Março de 1939, socorrendo-se do Primeiro Congresso Nacional de Transportes, realizado no Porto, a ele concorreram os da especialidade em trânsito sobre o carril, agitaram o problema pelas teses apresentadas entre ruidosa discussão que adormeceu até Junho de 1945; data que os actuais legisladores o apreciaram em calorosos debates, sob a atenção com preciso acatamento do País, directamente interessado na solução do grande problema — o desenvolvimento dos transportes viação acelerada sobre o Carril e Estrada.

Aguardando a Conversão em Lei, só no dia 28 de Novembro do mesmo ano, foi empossada a nova organização e seu Conselho Superior de Transportes Terrestres que, entregue sua acção deliberativa a engenheiros de superior categoria, adicionando entidades servindo o Estado, ligados aos Serviços de Viação e representantes das Empresas Industriais de Automóveis. Atingem os componentes a dezassete, numerosas cabeças a expor sentenças que, no fim de Junho de 1946, ainda as desconhece a opinião pública aguardando-as na expectativa que dará lugar à realidade dentro deste ano, em frente da última palavra — o Diploma oficializando, disciplinando a exploração dos Transportes Terrestres, desde a salva-guarda dos interesses da Nação, aos direitos e respeito pelos serviços incontestados da Camionagem e defesa no seu absoluto do público. E' transcendente o problema a resolver e só aos críticos de elevado saber, competirá orientar o País pela sua imparcial análise ao esperado Diploma.

A Fusão das Empresas Caminhos de Ferro, não se discute de ânimo leve, então nesta terra de enciclopédicos, que sempre os encontramos nas assembleias gerais das poderosas empresas.

Estamos em frente de um problema grave, que se impõe à consciência, diremos pela voz da sabedoria:

«Nem sempre a força é mais forte!»

R. Laranjeira

A actualidade de um grande escritor

(Continuado da Página Literária)

Venho, hoje, conversar ainda a propósito de um dos mestres mais qualificados da literatura portuguesa do século passado e, por ventura, de todos os tempos: Eça de Queirós.

O português, que de ordinário paga tarde e mal as suas dívidas de gratidão e que tão lamentavelmente se esquece das glórias nacionais, começa a fazer justiça à memória ilustre do grande mestre. A consagração póstuma, a todos os títulos notável e merecida, que se lhe prestou, veio a constituir como que o ponto de partida para uma reabilitação que desde há muito se impunha.

Eça de Queirós, que até aqui não passava de um insigne esquecido e incompreendido, vai assumindo para nós a estatura serena e vigorosa de um desses seres que pela sedução ou pelo génio (talvez até génio e sedução intimamente associados) dominam uma época e fazem a eternidade de um povo.

A natureza deste «perfil psicológico», na sua dupla expressão ética e estética, ajuda-nos a compreender, com verdade e clareza a permanente «actualidade» do solitário de Neuilly.

Já muito se disse e se escreveu (às vezes pouco bem) sobre a vida e a obra do egrégio autor de «Os Maias». E, embora eu reconheça — é sedição lugar comum — que, quando tudo está dito sobre determinado assunto, resta ainda qualquer coisa por dizer — não tenho a estulta pretensão de acrescentar um chavo que seja à vasta e brilhante biografia queirosiana. Apenas me anima o legítimo e natural desejo de render «o meu culto» ao artista e ao romancista que foi, simultaneamente, um dos mais originais, dos mais subtis, dos mais característicos representantes da «mocidade doirada» de 1865. O modelo é duma super-estrutura moral e mental difícil de fixar em meia-dúzia de traços.

Leitor benévolo: Não é para esta descolorida e breve crónica o estudar o grande mestre do realismo, talento de escritor, da espécie mais rara, espírito superior, requintadamente artístico no mais alto sentido do termo, cuja obra, apesar de proclamar certas verdades ainda não totalmente compreendidas ou respeitadas, se projecta, em toda a claridade e magnitude, nos acontecimentos desta época convulsa e frenética que vivemos. Dir-vos-ei, contudo, que Eça, já porque apareceu entre nós, como precursor, rico de intuição e de sensibilidade, um vasto movimento literário que conciliou a arte de escrever — digamos — com todas as modalidades, ainda as mais complexas e audaciosas que a vida nos oferece, já porque criou um novo estilo, uma nova corrente mais humana e, por isso mesmo, mais real e mais sincera, já ainda porque a sua pena emotiva e imaginosa, cheia de graça e de vivacidade, sagaz no conhecimento dos homens e das coisas, espontânea e invulgarmente activa na forma de bem mal-dizer, satírica no flagelar contundente dos defeitos e dos vícios, irónica e perspicaz na observação da sociedade que a rodeava, superior e penetrante no estudo do mecanismo das paixões e no poder de análise objectiva, soube, desde que apareceu, conservar-se plena de força criadora e de emoção estética. Eça — repito — foi um dos mais admiráveis cultores da palavra escrita que as entranhas dos séculos ainda geraram. A sua individualidade é tão forte, tão impressionante, tão singular que não se abrange duma só vez. Temos de observá-la fragmentariamente se quizermos conhecê-la em toda a sua projecção.

Basílio, Luísa, Gouvarinho, Amélia, Juliana, o Raposo, o conselheiro Acácio, Maria Eduarda, Jacinto e tantas mais criações da opulenta galeria queirosiana, são figuras vivas, palpitantes, verdadeiramente susceptíveis de identificação perfeita; umas, desdenhosas e imperturbáveis, outras voluptuosamente agressivas, todas elas tipos característicos que arrastam uma existência minada de enfermidades incuráveis. Há quem veja nelas a abominação; eu continuo a ver a «real realidade», como diria ele próprio.

Alguém inventou, brutalmente, a desnacionalização do artista surpreendente de «A Relíquia». Nem admira. Cerca-nos uma sociedade cheia de crueldade, de ódio e de cinismo. A velhacaria e o crime em simbiose.

Eça nunca foi um desnacionalizado. Natureza magnificamente dotada, foi sempre um patriota ardente, e convicto; deixou em quase todas as chancelarias da Europa assinalados vestígios da sua passagem e sempre soube servir, com perfeito sentido das realidades não tanto esta ou aquela influência partidária, mas a Pátria — sempre que a Pátria precisou dele.

Com efeito, a sua fama não se circunscrevia felizmente, e para honra nossa, ao país que o tinha visto nascer e que assistira embevecido à floração livre e deslumbrante do seu génio assombroso. Na França — que reminiscências saudosas ao proferir este nome querido! — na França onde ele viveu alguns anos e que ele amou como uma segunda Pátria, Gustave Flaubert e Zola liam-no e admiravam-no. Mas também a Inglaterra e a Alemanha, países que, ao tempo, detinham o «primado do espírito», o seu nome chegou e com ele pedaços imorredoiros da sua Obra.

Habitado a admirar os mestres realistas franceses e ingleses, seus contemporâneos, nunca mais conseguiu libertar-se desta «intimidade».

A técnica, as tendências e os processos de Zola e Flaubert, por um lado, e de Fielding e Richardson, por outro, serviram-lhe, sem dúvida, de base para as suas composições. Assimilando com

HOTEL DE Turismo

NESTA VILA

Não têm conta as vezes a que nos temos referido, nestas colunas, falta de comodidades que os verdadeiros visitantes encontram em Castanheira-de-Pêra.

Sem receio de negativa, considere-se esta região como esplêndido centro que muitos e inegáveis serviços pode prestar à vilegiatura, faltando-lhe, somente, as condições que pode oferecer a criação de uma repartição de Turismo, que por sua vez encare a iniciativa da construção de um hotel nesta Vila, digno da categoria da zona Beira Litoral.

No editorial do nosso último número frizámos, entre outros melhoramentos, a necessidade de um bom e moderno hotel, que a Castanheira prendesse o viajante admirador da paisagem emocionante da mais formosas altitudes da Península.

Surgiu a hora de impôr vulto a uma das legítimas aspirações dos bons filhos desta terra — ou seja, a erecção do edificio que oferecerá conforto, bem-estar, ao visitante dado a comodidades.

A pessoa que nos informou da realização desta importantíssima obra mereceu-nos consideração. Por tal facto, transmitimos a agradável notícia aos nossos leitores.

Esta arrojada iniciativa partiu do nosso considerado conterrâneo Ex.^{ma} Sr. Franklin Ceppas, activo industrial na praça do Rio de Janeiro (Brasil), de quem esta Vila — seu berço natal — tem recebido os mais valiosos benefícios.

São de enaltecer tão brilhantes qualidades de bairrismo, e oxalá que o gesto sirva de incentivo a quantos têm por dever pugnar pela grandeza de Castanheira-de-Pêra.

Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta

Operações

Calçada do Carmo, 6, r. D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas as 17 horas

raro mérito essa técnica, essas tendências e esses processos, Eça, como bom discípulo que era, chegou mesmo ao ponto de superar todos os seus mestres. Ao contrário porém, do que pretendem os negativistas fáceis, não plagiou ninguém. A sua obra distingue-se entre todas. Tem o cunho indelével da sua forte individualidade.

Foi este, senhores, o grande vulto nacional que tanto aumentou o património intelectual e artístico da querida Nação Lusitana. Pertenceu a um ciclo que viu desabrochar com místico enlevo algumas das mais fulgurantes inteligências do século. Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Fialho de Almeida, Oliveira Martins, Camilo, o imortal Camilo do «Amor de Perdição», «O Torturado de Seide», como alguém, inspiradamente, lhe chamou, — todos eles homens de ideal poetas divinos que mesmo das alturas misteriosas em que pairam nos apontam, luminosos e certos os horizontes da imortalidade.

Viajou longos anos, foi amado, foi ilustre, grande na adversidade e pequeno na hora do triunfo.

Morreu cedo, deixando de luto as letras pátrias e vago um lugar ainda não preenchido. Eça, pela projecção que o anima, bem uma figura universal. A sua obra sempre «actual», não havendo pó que cubra nem garras sinistras que a roubem nossa admiração e ao nosso respeito.

Por isso, eu evoco, sempre, com enternecido afecto e religiosa devoção, o Mestre dos Mestres. A glória que o nimba remota-se-á de continuo. Ele soube o que não ignoramos: realizar, afirmar, vencer.

Portugueses destes não podem, não devem ficar para sempre fechados ou esquecidos na aridez marmórea e glacial do túmulo.

(Inédito)

MORAIS COSTA

Carreira Diária de Passageiros

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.^{da}
Sede—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa R. da Palma, 268-Tel. 2 8114

ALBERTO Lopes

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão. cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Pano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

TRAPPOS

PARA A INDUSTRIA DE LANIFÍCIOS
L. FARGE, L.DA

RUA DO FREIXO, 1291 — PORTO

Telefones: Urbano 4494 e Estado 197

Endereço telegráfico: EGRAF—Porto

Casa especializada estabelecida há 40 anos em Portugal e há mais de 100 anos em Espanha

Logo que o restabelecimento da normalidade o permita, voltaremos a apresentar à nossa clientela os escolhidos algodões indianos que forneciamos antes da guerra e tão apreciados foram sempre pela indústria de lanifícios nossa cliente

AGENTES: (José Coelho Junior — Castanheira de Pêra
(António Pereira Pais Espiga — Covilhã

Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Telefones P B X (Fábrica: 1 668
Escritório: 1 313

Enderêço Telegráfico: DORATO

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA FIAÇÃO E TECELAGEM

A maior organização do género no País

Fábrica e Escritório: Rua do Duque de Saldanha, 150 — PORTO

Líços metálicos, em aço. Grampos de aço temperado. Caixilhos (Perchadas) Malhões e Tirantes. Molas espirais. PENTES. Latas de Fibra Vulcanizada para Fiação. Cartões de Aço para Teares Romanos. Bobines em Madeira. Canelas. Lançadeiras de todos os tipos. Pinos de Madeira. Tempereiros Pinças. Tezouras de Tecelão. Ganchos para coser Correias, etc.

Esta Casa tem sempre, para entrega imediata, todos os artigos de seu fabrico a PREÇOS CONVINDATIVOS.

AGENTE em CASTANHEIRA-DE-PERA: José Coelho Júnior — Telefone 16. Tem em Depósito os Nossos Artigos

CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.ª, L.^{da}
32, 33, 34—Largo 28 de Maio
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão colchas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Dr. Fernando Lacerda

Director da 1.ª Clínica de Oftalmologia do Dispensário Policlínico Central Ex-Assistente da Faculdade de Medicina (Instituto de Oftalmologia Dr. GAMA PINTO)

Doenças dos Olhos Operações

Calçada do Carmo, 6, 1.º D. (Rossio)

Telefone 2 2070

Lisboa

Consultas as 17 horas, excepto as 5.ªs feiras

José Gomes

Médico I. dos Hospitais

Doenças da boca e dentes

Consultório: L. do Chiado, 15-1.º

Telefone: 2 3925 — LISBOA

Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis. Máxima seriedade

Rua dos Correeiros, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares

LIMPOPE

A CAMISA preferida pelas Élités, porque é CAMISA de ÉLITE!

Vende José Coelho Júnior

Castanheira de Pêra

Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162, 2.º

(À PORTAGEM)

Consultório 3039

Residência 3509

COIMBRA

Henrique Lacerda

ADVOGADO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 2

Em Pedrógão Grande:

A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Para substituir o BACALHAU, encontra V. Ex.^a à venda no estabelecimento de José Coelho J.^{or} Caras, e linguas de bacalhau, Ráia e Cação. Pedidos pelo telef. 16

Castelo de If

Desta vez o Conde de Monte Cristo viaja em canôa automóvel. A passageira de cabelo negro quizera ser Mercedes a catalã. Fora de graça — disse o do timão — eu tenho a mesma cara de Dumas, pai.

Mas, para onde vamos nesta escuridão? Olhamo-nos inquietos adivinhando a resposta, vendo assomar no horizonte a resposta: ao castelo de If.

Este é um mar, metade de tinta da China e outra metade de leite. Navegamos no negro em direcção à franja branca da raia. Envolto em um lençol de lua, o castelo sai lentamente ao nosso encontro.

O meu amigo o conde de Monte Cristo diz:

— Somos fantasmas a navegar para a torre fantasma.

Presos da mais delirante das novelas, dirigimo-nos para o Castelo de If, imóvel, sobre o seu montão de pedras seculares, o castelo medita na sua eternidade.

E abade Faria, sentado ao lado da passageira de cabelo negro, deixa cair distraído o seu mostruário de gravatas.

De repente, a nossa canoa automóvel entra na zona branca, deslizando como sobre tela de cinema. Olhamos para as caras surpreendidos de ali estarmos todos juntos. Não somos senão sombras projectadas na imensidade pelo endiabrado cinematógrafo da lua cheia.

Jorge Carrera Andrade
(Equateriano)

Trad. de NUNO BEJA

E' conhecido por quem tenha lido o romance de Alexandre Dumas, «O Conde de Monte Cristo», o castelo de If. E também não poderá ter esquecido o nome do padre José Custódio de Faria, português, que muitos anos viveu em França e muito conhecido foi pelos seus estudos sobre magnetismo. O que não é, porém, certo (como o representou Alexandre Dumas) é ter ele estado prêso na fortaleza de If.

Festejos em honra de Nosso Senhor

Realizaram-se, nesta Vila, no dia 25 do mês findo os tradicionais festejos em honra de Nosso Senhor.

Era já de esperar que a sua animação fôsse pouca, dado que a falta de realização do Arraial e Fogo de Artificio com que os mesmos eram dotados, para isso muito concorre.

Diz-se, e, estamos esperançados que para o próximo ano já poderemos assistir a êstes festejos como noutro tempo se realizavam.

Que assim seja é pelo que fazemos votos.

UM ROMANCE SOCIAL

TOUPEIRAS HUMANAS

da algarvia Marizabel Xavier de Fogaça, também autora de MANUELA (3.ª edição). E' simultaneamente um romance de amor e um amor de romance

Na mesma colecção amarela:

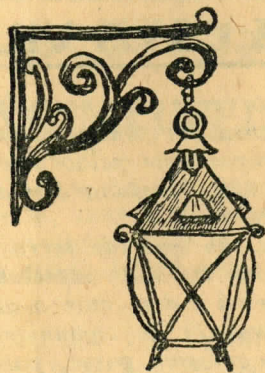
A História daquela Torre

(2.ª edição) de Mariac Dimbla

QUERO-TE ASSIM, MULHER!

da espanhola Rosa de Nancy

A venda nas Livrarias e principais Tabacarias do País



Museu Etnográfico

A festa da Aldeia. O Santo padroeiro

SÃO poucas as povoações, principalmente as aldeias, que não tenham o dia do santo, seu padroeiro que tronam e veneram com festas. Sabemos já que os romanos

reuniram as aldeias em grupos, a que deram o nome de *cúrias*, colocando à frente um *curone* (um por cada) com obrigação de levantar um altar para sacrifícios e fazer uma festa anual conhecida ela pelo nome de *paganália*. Segundo a crença pagã, quando nascia um indivíduo, nascia com ele um génio que o protegia (1). Esse génio era representado por um menino com asas, que saíam da base da cabeça. O mesmo sucedia para os lugares e povoações que tinham também o seu génio protector, denominado *gennis loci*. Quer o génio do indivíduo quer o do povoado foi cristianizado pela Igreja.

Assim o génio do indivíduo tem na Igreja o nome do *Anjo da Guarda*, e o do povoado, o Santo protector ou orago. Segunda a crença cristã, a povoação tem também o seu *Anjo Custódio* que era ainda festejado com estrondoso brilho no século XIX, tomando parte nestas festas de grande luzimento, como dissemos, as autoridades, corporações, o clero e o povo. Os lares ou habitações tinham igualmente o seu protector. O sistema dos *curones* e a festa anual ao padroeiro, foi igualmente servido pela Igreja. No dia desta festa, o povo, fiel depositário da liturgia pré cristã, honra, como já dissemos, o seu santo padroeiro. Mas de uma maneira geral esta festa deixou de ser comemorada não como faziam os gregos e romanos, segundo vemos em Homero. Virgílio, comendo e bebendo à farta, dançando e jogando, para seguir apenas o rito da liturgia católica, para o que muito tem trabalhado os párocos em colaboração com os prelados diocesanos.

Penamacor — S. Bartolomeu — 1946.

Prof. JOSÉ MANUEL LANDEIRO

1) Anthoy Rich, *Dictionaire des Antiquités Romaines e Gregues*, bemin e Lares. Horacio — Epistola II-2-187.

PELAS COLECTIVIDADES

Sport Lisboa e Castanheira-de-Pêra

A magnifica obra desportiva e recreativa realizada por esta colectividade tem sido grandiosa, atendendo aos seus fracos recursos financeiros.

Tem tido esta colectividade os seus altos e baixos, mas ao fim de 14 anos da sua fundação, continúa ainda de pé e com um grandioso passado a atestar a necessidade da sua continuação.

A vontade de um grupo de rapazes fundou esta colectividade, na convicção que era mais um melhoramento necessário à Vila e indispensável a preparar a juventude desta região para um novo espirito associativo, encaminhando-a assim a grandes empreendimentos.

Quem não se lembra das tardes desportivas e festas realizadas?

Foram grandiosas realizações que esta região teve a oportunidade de ver e admirar. A vontade da mocidade em conseguir recrear todo o povo era tão grande que se faria até com sacrificio material e da própria saúde.

E' justo no entanto frizar que todas as forças vivas do concelho secundaram e auxiliaram, sempre moral e materialmente, o esforço sucessivo das continuas direcções

do Sport Lisboa e Castanheira de Pêra.

Como facto virídico desta minha afirmação temos à vista o objectivo que uma Comissão está procurando realizar ou seja a vedação do seu Campo Desportivo.

Grande empreendimento, que se conta vir a ser uma realidade.

Não se compreende no entanto a falta de realizações da direcção do Sport Lisboa e Castanheira de Pêra, no corrente ano.

Os seus associados queixam-se do completo abandono em que se encontra a sede e lamentam que não se tenha ainda procurado salvar a colectividade da descida vertiginosa, que a mesma está tendo, moral e materialmente.

Como tivesse verificado já o facto desta realidade, seria justo que a direcção actual melhorasse os seus trabalhos ou declinasse o cargo para que foi eleita, afim de outros elementos continuarem a obra associativa, desportiva e recreativa desta tão importante colectividade.

Castanheira e região espera voltar a ver o seu Sport Lisboa traçando, com rapazes novos, um novo caminho, continuação do seu glorioso passado. — Um sócio

Imprensa

n Sul de Angola

Comemorando mais um aniversário da cidade de Mossamedes «Angola», editou este nosso presado colega, em formato revista, um número especial.

Bem colaborado na sua centena de páginas, verifica-se a representação de todo o comércio, que para isso concorreu da melhor vontade.

Desejamos as maiores felicidades ao importante semanário e cumprimentamos na pessoa do seu ilustre Director, todos que com êle trabalham.

Natura

Referente ao mês de Agosto recebemos o n.º 36 desta interessante revista de saúde e educação física.

Única publicação Natura-Desportiva que se publica em Portugal, recomenda-se a todas as pessoas.

Este número apresenta o seguinte sumário:

Saúde pelo naturismo.

Desporto e Educação Física.

Esperanto.

Cultura do Espirito.

Publicação mensal; cada n.º 2\$000.

Pedidos à Agência Argos — Rua da Assunção-42-2.º — Lisboa.

EDITAL

Virgílio Salvador Ricardo da Costa, Engenheiro chefe da Segunda Circunscrição Industrial

Faz saber que: Augusto Rodrigues Soeiro, pretende licença para instalar uma oficina de tecelagem de lãs e tinturaria, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio e fumos nocivos, emanações e inquinação das águas, no lugar do Troviscal freguesia e concelho de Castanheira-de-Pêra, distrito de Leiria, confrontando ao Nascente Poente, Norte e Sul com propriedade do requerente.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem todas as pessoas interessadas, apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8826, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 8 de Agosto de 1946.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

Virgílio Salvador Ricardo da Costa

CAFÉ CENTRAL

O melhor desta Vila

Telef. 16 — Cabine Rádio

REGIONALISMO

Grande obra a realizar

no CONCELHO de CASTANHEIRA-de-PÊRA

O título REGIONALISMO que antecede o seu sucessor GRANDE OBRA A REALIZAR, seria desnecessário se uma força que nos conduz à boa compreensão não o obrigasse a traçar.

REGIONALISMO, é palavra lida e relida nos diários de fabulosas tiragens; nas publicações de «cordel»; nos bi-semanários, quinzenários, mensários, e, companhia... sem limitada...

Estes órgãos, com a mais das abnegadas intenções, sopram trombeta de fortíssimo som embalado nas asas emplumadas do éco, num ruflar altíssimo e admirado... mas desfeito no último rodopiar, por carência de «cortiço» ou de «pombal».

Os aplausos — inconscientes na sua maioria — tomam vulto de gigantes, sulcando mundo, como se a vida desabrochasse, unicamente, da estafada frase:

«Muito bem!»

De facto, já se tem produzido bastante — em matéria REGIONALISTA — nesta Terra Lusitana de brilhante História. A análise não é difícil. Chega espriar os olhos pelo que vai pelo País fora em arranco de actividade tornando, rapidamente, isolados burgos em centros de considerado desenvolvimento. Muitos deles sem condições, que lhes garanta prosperidade. Mas, quais crianças abandonadas, protegidas por o coração de acaso que se comoveu com a penúria, progridem e aparecem-nos sádias, como semente em terreno produtor!

E o REGIONALISTA cordato, afastando-se do berço emba-lador da ilusão pergunta, sem ingenuidade, convicto:

— Porque não vem aquele manto sedoso, brilhante, cobrir a Vila de Castanheira-de-Pêra, previligiada pela riqueza da sua Ribeira, à qual se encosta, ufana, uma das mais poderosas Indústrias da Nação — a de LANIFÍCIOS?

Sabemos, de sobra, as causas...

Esta «sinfonia de abertura» vem a propósito de tudo... e de nada... Pretendemos focar o nada...

Como é do conhecimento da maioria dos Castanheirenses, grande parte das povoações sobranceiras à banda norte deste Concelho está servida por ramais ligados à Estrada Nacional, que conduzem à vila da Lousã.

Sem dificuldade se entende que os habitantes daqueles lugares se encontram em péssimas condições de comunicar com esta localidade, assim como com outras de reconhecido interesse.

Seria mais que louvável — até de benefício nacional — a efectivação deste momentoso melhoramento, que proporcionaria mais extensiva difusão comercial e notável movimento no nosso meio, dando vida mais desafogada às aldeias que vêm os seus habitantes atravessar caminhos difíceis no verão, que passam a ser impraticáveis no inverno.

Não se torna emmaranhada a solução do magno assunto.

Em tempos, o saudoso industrial José Tomás Henriques num assomo de edificante bairrismo, meteu ombros à obra de que vimos tratando, ordenando que se construísse um ramal que, da, Senhora da Guia, seguiria ao Bolo, Pêra, Pisões, Sarnadas e Coentral. Como se analisa, ensaiou-se o primeiro impulso para se continuar com uma obra de calculada utilidade. Falta completá-la, e, para tal não é necessário muito...

Conhecemos proprietários que dispõem de terrenos, sujeitando-os às inevitáveis expropriações; de outros que se propõem acudir com magníficos recursos, e, de uma maneira geral, tantos outros dispostos a imprimir curso e a dar conclusão à iniciativa encetada, não deixando de a secundar a nossa esclarecida Edilidade, sempre disposta a bem servir o Concelho que representa.

Não ficamos por aqui. Há mais a incitar.

O REGIONALISMO é assim! Temos por obrigação, nós — os da Imprensa — de lembrar aos Altos Poderes as *necessidades de nossa casa*. Este não ficarão indiferentes porque o agir, neste caso, é lutar pelo bem do povo trabalhador que tudo merece.

NOVA ENTRADA PARA ESTA VILA

É voz corrente que a nossa digna Câmara pensa em realizar, muito breve, um importante melhoramento, do qual muito beneficiará Castanheira-de-Pêra.

A nossa tão querida terra que dia a dia vai tomando aspectos interessantes virá a dar, com a abertura da nova via de comunicação, mais um progressivo passo, para o que concorrerão, estamos convictos, todos os seus devotados filhos.

Até aqui corria aos quatro ventos que esta Vila estava quase privada de amplos caminhos de entrada e de saída, o que dificultava a manobra dos veículos que necessitam de estacionar nos seus pontos principais.

Entretanto surgiu a Avenida Adrião Reis que veio resolver este magno problema que, diga-se com toda a justiça, é uma obra de superior utilidade.

E nesta maré progressiva informamos os nossos leitores de que o melhoramento em referência é o da ligação da Estrada Nacional, que vem de Figueiró-dos-Vinhos à Estrada que nos conduz ao Fontão, através do pinhal do nosso prezado amigo e importante industrial, Sr. José Correia de Carvalho.

Estamos certos de que quem zela os interesses deste concelho não deixará de incluir no plano da efectivação de futuras obras, tão inadiável como palpitante assunto.

Centenário da Padroeira

Estamos no ano jubilar das comemorações centenárias em honra da excelsa Padroeira Nossa Senhora da Conceição. Por toda a parte; nas cidades, nas vilas e ainda mesmo nas aldeias mais humildes e sertanejas, desta formosa «Terra de Santa Maria», as almas crentes e devotas da Santíssima Virgem, cantam à porfia, os seus louvores e promovem, com mais ou menos solenidade, mas com fé ardente e amor filial, comemorações festivas onde põem todo o calor do seu entusiasmo e tornura do seu coração agradecido pelas benemerências que a Senhora continua a dispensar-lhes: E nisto, não fazem mais que o seu dever. Não faria sentido que, dignando-se Sua Santidade realçar, de uma forma tão carinhosa, as comemorações do tricentenário da Imaculada Padroeira, com a sua presença em Fátima, para a coroar, os portugueses, todos os portugueses que sentem arder no peito a chama bendita da fé, não vibrassem de entusiasmo religioso e patriótico em volta da Mãe do Céu, exclamando com os venerandos Prelados, desta «Terra de Milagre»: Virgem Imaculada Senhora Nossa! Há três séculos vos proclamamos Padroeira!

Mas o ano jubilar destas comemorações está a acabar. Hoje que é praxe, aliás muito louvável, colocar-se na frontaria das casas uma lápide de um Santo, porque não se há-de preferir ou colocar, também, a lápide de Nossa Senhora da Conceição?

Para facilitar o cumprimento desta recomendação dos nossos venerandos Prelados, a *Renascença* está a distribuir lindos quadros de azulejo, comemorativos do tricentenário da Padroeira.

Dirigir pedidos à «Rádio Renascença, Ld.» — Rua Capelo, 5, 2.º E,

As escolas

e o seu TERRENO

Por várias vezes temos lembrado o péssimo estado em que se encontra o largo que circunda os edifícios escolares desta vila.

O mesmo acontece com o edifício principal, cujo estado de conservação das paredes é bastante mau.

Como o inverno se aproxima, não deixaria de ser conveniente que antes de nêle entrarmos, se tomassem as necessárias providências, evitando-nos assim termos que voltar de novo à liça.

EDITAL

Virgílio Salvador Ricardo da Costa, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que: Diamantino de Carvalho, pretende licença para instalar uma fábrica de malhas, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incêndio e fumos, no lugar de Pêra, freguesia e concelho de Castanheira-de-Pêra, distrito de Leiria, confrontando ao Nascente, Poente, Sul e Norte com propriedades de Joaquim Antunes Pratas, Joaquim Ferreira e de Germano Lobato.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8933, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º III.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 8 de Agosto de 1946.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

Virgílio Salvador Ricardo da Costa

ESPINGARDAS

- Novas, de importação directa, das marcas «Minerva» e «Ugastech», aos melhores preços.
- O maior sortido do centro em Artigos de Caça.
- Cartuchos carregados em Balanço de Electro-Precisão, garantidos e a preços baixos.

Material para CAMPISMO

Casa Almeida

(Título Registrado)

Telef.: 3 423 — Apartada, 92

COIMBRA



MANUEL ALVES CEPPAS

Regressou das Termas de Monfortinho, onde se demorou em tratamento, acompanhado de sua Ex.^{ma} Espôsa, o nosso querido irmão, Sr. Manuel Ceppas, considerado industrial de lanifícios e ilustre Presidente da Câmara Municipal de Castanheira-de-Pêra.

Partidas e chegadas:

De passagem, esteve nesta Vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Alberto Lopes, comerciante na cidade do Porto.

— Acompanhado de sua esposa, encontra-se a passar alguns dias nesta Vila, o importante comerciante em Lisboa, sr. Pompeu Bebiano Carreira.

— Também com sua esposa, encontra-se nesta Vila a passar alguns dias, o sr. r. Albano da Encarnação Coelho, distinto médico na Capital.

— Está em férias, no Troviscal, acompanhado de seu sobrinho sr. Fausto Tomás, nosso prezado amigo sr. Aurélio Joaquim Tomaz, importante comerciante em Lisboa, sócio da firma local Tomaz Costa & Irmão, imitada.

— Nas Sarzedas de S. Pedro, encontra-se em casa de seus pais o nosso prezado amigo sr. Vasco Lourenço de Almeida, sócio-gerente da firma, Sociedade Produtos Unitários, Lda, em Lisboa. Agradecemos visita que nos fez, acompanhado de seu filho sr. António Lourenço de Almeida, comerciante nas Sarzedas de S. Pedro.

— No Torgal encontra-se com sua esposa, senhora D. Fernanda Tomaz Paulo, o sr. Artur Tomaz, funcionário público na Capital.

— Com curta demora esteve nesta Vila, na companhia de sua esposa, o nosso particular amigo, sr. Torcato Alves Carvalho, sobrinha, guarda-livros das Fábricas Barros, da, em Alenquer.

— Em casa do sr. José Coelho Júnior, nesta Vila, esteve a passar alguns dias a senhora Maria Helena Barata, filha do nosso particular amigo, sr. Virgílio Barata, comerciante em Lisboa.

Visita à nossa redacção

Estiveram na nossa redacção onde tivemos o prazer de os cumprimentar, os nossos prezados assinantes, naturais da estosa Fundeira, Srs. Albano Domingues, sócio da firma Patrício & Domingues, Lda, Lisboa; Manuel Domingues de Carvalho, sócio, gerente da Pastelaria Elite de Gês, em Alges; e Alberto Domingues de Carvalho, empregado no comércio em Lisboa.

Aos nossos prezados assinantes

A Administração de **O Castanheirense**, comunica muito respeitosamente a todos os seus estimados assinantes, de que vai endereçar a cobrança, os recibos referentes ao segundo quadrimestre do ano corrente, ou seja de Abril a Agosto.

Como habitualmente, esperamos ver ao nossos subscritores o melhor acolhimento, podendo aqueles e o desejarem remeter mesmo em los de correio ou recibo, as respectivas importâncias, até ao fim corrente mês.

Antecipadamente apresentamos nossos mais sinceros agradecimentos.

GRATECIMENTO

Maria Rosa das Neves Domingues; Albano Domingues, Manuel Domingues de Carvalho, Elisa das Neves Domingues, Palmira das Neves Domingues; Maria da Luz Antunes Domingues, Adelina Denis Costa Domingues Carvalho e Maria das Neves Antunes Domingues, vêm, por e meio, agradecer a todas as pessoas que no dia 1 do mês corrente, acompanharam o seu saudoso e querido marido, pai e sogro, que na a se chamou António Domingues, na última morada, ao cemitério municipal de Castanheira-de-Pêra. Aqui deixam expresso o seu perpétuo reconhecimento, por lhes ser possível fazê-lo pessoalmente. Castanheira-de-Pêra, Setembro de 1946.

O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS:	PUBLICA-SE NOS DIAS	ASSINATURAS
Quadrimestre 7\$20	1, 10 e 20	Estrangeiro: ano 4\$10
Cobrança pelo correio mais 1\$00	DE CADA MÊS	Império Português: ano 3\$60

Noticias de Figueiró dos Vinhos

Casamento

Em ambiente de amizade muito íntima, foi celebrado no dia 10 do corrente pelas 11 horas, na igreja paroquial de Aguda deste concelho pelo Reverendo Arcipreste Sr. Padre António João de Almeida Inglez, com autorização do Pároco daquela freguesia R.^o Alberto Gomes Simões, o casamento da menina Maria Amélia Simões Telhada, filha de D. Augusta da Conceição Simões e do sr. José Simões da Silva Telhada Rijo, proprietários, residentes naquela freguesia, com o sr. Luiz Mendes da Silva, empregado da conceituada firma José Manuel Godinho (Sucessor) desta Vila, filho de D. Alice Mendes e do sr. Manuel da Silva, proprietários, residentes no lugar de Agria desta freguesia.

Após o acto, o Reverendo Senhor Arcipreste dirigiu aos noivos uma linda alocução, agradecendo finalmente à nubente o valioso auxílio no grupo coral privativo da nossa Igreja do qual há anos vem fazendo parte, e seguidamente, em casa dos pais da noiva, foi servido a grande número de convidados tino almoço, durante o qual fizeram uso da palavra o Sr. Arcipreste Inglez, o Sr. José dos Santos Abreu e mais pessoas.

Os noivos vieram residir para esta Vila em casa de sua tia D. Aurélia de Jesus Oliveira, a quem todos reconhecem sentir pela noiva, além do amor de uma tia exemplar que a criou de pequenina, mais o de uma mãe carinhosíssima.

Foram padrinhos por parte do noivo o sr. Luiz Mendes de Oliveira, desta Vila e D. Josefina Mendes, de Agria e por parte da noiva seus tios Abílio Jorge e D. Maria Simões, proprietários, de Aguda.

Aos noivos, foram oferecidas muitas prendas de valor.

«O Castanheirense e o seu correspondente em Figueiró dos Vinhos, desejam ao novo casal, as maiores prosperidades.

Partidas

Para Monfortinho, seguiu o sr. Luiz Ferreira de Oliveira, conceituado comerciante da nossa praça.

— Acompanhado de sua Ex.^{ma} Espôsa seguiu para o Norte o sr. Gustavo Coelho Godet, importante comerciante nesta Vila.

— Para Folgoso (Gouveia) seguiu o sr. Vergílio Martins Henriques da Costa, nosso prezado amigo, filho do sr. Vergílio Henriques da Costa, conceituado assinante.

— Para Lisboa, o nosso muito prezado amigo e sr. Engenheiro Artur Mário Agria, que com curta demora esteve em visita a sua Ex.^{ma} família nesta Vila.

Chegadas

De Castelo Branco, onde foi passar alguns dias de licença, regressou o sr. José Carvalho Folgado, comandante do Pôsto da G. R. P. desta Vila.

— De Cascais, a família do Sr. José

Gragêra Abreu, importante armazenaista nesta Vila.

— Da Figueira da Foz, a Sr.^a D. Júlia Gragêra Cid e Castro; seu filho o sr. Dr. Vasco Guimarães Neves e Castro, acompanhado de sua Espôsa e filhinhos.

— De Santarém, onde foi gosar uns dias de licença como dissemos, regressou o sr. António Luz de Vasconcelos.

Falecimento

Na Vila de Aguda, faleceu no dia 8 do corrente, a sr.^a D. Luiza Adelaide Augusta da Conceição, com 98 anos de idade viúva de João Gomes da Silva, proprietário que foi daquela freguesia, mãe dos Srs. Tenente João Gomes da Silva Teixeira, desta Vila, Maria Augusta Teixeira, Augusto Gomes da Silva Teixeira, Fernando Gomes da Silva Teixeira, avô dos srs. Mário Teixeira Simões, Amílcar Medeiros Gomes Teixeira, Leonilde e Maria Helena Gomes Medeiros Teixeira, daquela freguesia.

No funeral que se realizou para o cemitério de Aguda, encorporaram-se muitas pessoas.

A família, endereçamos os nossos sentidos pêsames.

C.

N. da R. — Por absoluta falta de espaço fica para o próximo número a prosa que tem por epigrafe, «Cabaz de Novidades». Pedimos desculpa ao nosso solicito correspondente.

COMISSÃO de Melhoramentos de Mega-Cimeira

Desta simpática comissão (em organização) recebemos um amável convite para assistirmos à reunião que se realizou na Casa de Pedrogão Grande — Rua Eugénio dos Santos-159-2.^o-Lisboa, pelas 21 horas, do dia 9 do corrente.

Teve esta reunião o fim de nomear a nova Comissão de Melhoramentos.

«O Castanheirense» agradece e coloca á disposição daquela Digna Comissão as suas colunas, para as démarches que acharem convenientes.

«O Gráfico»

Novamente principiámos a receber a visita deste nosso estimado colega.

Defensor dos interesses da classe gráfica, recomenda-se a todo o bom gráfico.

Desejamos ao interessante órgão mensal, longa vida e muitas prosperidades.

Falta de espaço

Esta praga que infesta toda a Imprensa, obriga-nos a reservar para próxima edição numeroso original, entre este a notícia do enlace matrimonial do sr. Manuel Augusto Teixeira com a Ex.^{ma} senhora D. Maria da Soledade Bebiano Diniz de Carvalho.

Falecimentos

JOSÉ C. DE CARVALHO

No dia 8 do corrente faleceu nesta vila o sr. José Coelho de Carvalho, proprietário, aqui residente.

O extinto contava 79 anos de idade e era pai do sr. Armando Coelho de Carvalho e da senhora Hermínia da Conceição Correia; sogro do sr. Américo Simões Correia e irmão do sr. João Coelho de Carvalho, respectivamente comerciante e proprietário nesta vila, e tio do nosso particular amigo sr. Alberto da Encarnação Coelho, industrial de lanifícios.

O funeral, muito concorrido, realizou-se no dia seguinte para o cemitério municipal.

Sentidos pêsames.

ALFREDO DO CARMO THEA

No dia 5 do corrente mês faleceu no Troviscal, com 83 anos de idade, o sr. Alfredo do Carmo Thea, natural de Alcácer do Sal, residente naquela localidade há bastantes anos.

O extinto era pai das senhoras D. Córada Conceição Thea Tomaz professora-oficial no Troviscal e de D. Maria Thea dos Santos; sogro do nosso particular amigo sr. Marcolino Filipe David Tomaz, capitão da marinha mercante; avô do sr. Rogério Thea dos Santos, topógrafo de primeira classe do Ministério das Colónias, e do sr. Fernando Thea dos Santos, 1.^o tenente da marinha.

O funeral realizou-se no dia 6, para o cemitério municipal desta Vila, com grande acompanhamento de pessoas de todas as camadas sociais, não só do Troviscal como de Castanheira-de-Pêra e de outros lugares.

Endereçamos à família enlutada sentidas condolências e em especial ao sr. Marcolino Filipe David Tomaz e sua Ex.^{ma} Espôsa.

Última HORA

Coentral Grande e o seu telefone

Somos informados que no próximo dia 26 do corrente serão iniciados os trabalhos para o estudo da montagem do telefone naquela localidade.

«O Castanheirense» não se tem poupado no sentido de elevar a utilidade de tão importante melhoramento que muito justamente virá servir Coentral Grande.

Há cerca de dez anos que aquele povo aguarda, com ansiedade, a satisfação de uma aspiração, pela qual se sacrificará sob todos os pontos de vista.

Não resta dúvida alguma que a entidade a que o assunto está afecto não tem deixado de prestar os devidos esclarecimentos, sempre que o nosso jornal tem ventilado o caso.

No entanto, verifica-se com manifesto desgosto, que se tem procedido à instalação de outros telefones em diversos pontos do País, ficando o de Coentral Grande no esquecimento!

Foi, pois, com satisfação que acolhemos a nova, e não podemos deixar de destacar os esforços que o Ex.^{mo} Sr. João Jorge Felizardo, digno chefe da estação dos CTT desta Vila, tem feito para que a montagem se não faça demorar, pois só vantagens oferecerá a este concelho.

Para os Coentralenses vão as nossas sinceras felicitações, confiando que no limiar do ano de 1947, nós possamos comunicar através do telefone com a única freguesia deste concelho: Coentral Grande.